

VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O que Dizem as Produções Científicas

Juliana Pereira da Silva

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar e analisar trabalhos científicos que tratam da temática da violência na Educação Infantil, utiliza-se da abordagem Histórico-Cultural de Vygostsky para a realização do estudo foram realizadas, captando trabalhos desde o ano de 1998 a 2013, na base de dados online BDTD, CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SCIELO, Biblioteca da USP, Biblioteca Digital da UNICAMP. A análise descritiva e analítica acerca da violência visa demonstrar as diversas formas de manifestação do fenômeno pesquisado e a importância de novos olhares para seu enfrentamento.

Palavras-chave: Violência escolar. Educação Infantil. Aprendizagem.

Esta pesquisa tem como objetivo averiguar os trabalhos que tratam da temática violência na Educação Infantil, visando identificar como a violência se manifesta na prática pedagógica e, posteriormente, realizar uma reflexão a partir dos conteúdos dos trabalhos que utilizaram a Teoria Histórico-Cultural como abordagem metodológica para explicar a violência e suas implicações na Educação Infantil. Tem abordagem de caráter descritivo, em que se faz o levantamento dos trabalhos, bem como caráter analítico, com o propósito de analisar as produções investigadas.

O interesse para o estudo justifica-se ao se considerar que a violência está inserida nas relações humanas, independente do contexto social, político e cultural, manifestando-se sob vários aspectos. Trata-se de um tema muito destacado nas investigações desenvolvidas no meio acadêmico. Estudiosos tentam compreender tal fenômeno nas diversas instâncias da sociedade, buscando responder questões controversas sobre a violência e suas formas de manifestação na aprendizagem.

As pesquisas bibliográficas que auxiliam no mapeamento e análise da produção acadêmica em diferentes campos do saber científico é denominada “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento”, proporcionam a disseminação do conhecimento já produzido

sobre um assunto ou que ainda precisa ser estudado para o avanço do mesmo. Assevera Ferreira (2002).

Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estada da arte” ou “estada do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.. (FERREIRA, 2002, 257).

Dessa forma, vários trabalhos apontam que a sociedade brasileira convive com o aumento da violência nas escolas, sendo várias situações de agressões verbais, físicas e simbólicas direcionadas aos atores da comunidade escolar, que no entendimento de Abramovay e Rua (2003, p. 13) “fato que despertou as atenções das diversas instâncias governamentais, dos organismos internacionais e da sociedade civil”.

Para maior aprofundamento dos dados pesquisados as consultas foram realizadas, captando trabalhos desde o ano de 1998 a 2013, na base de dados online BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (Universidade de São Paulo), Biblioteca Digital da UNICAMP (Universidade de Campinas).

Os descritores de busca das teses, dissertações e artigos foram realizados em três momentos, “primeiro, violência, educação e infância”, depois, “violência, educação e criança”, e para maior refinamento em diferentes áreas do conhecimento, “violência e Educação Infantil”; no que foram encontrados na primeira busca 58 trabalhos BDTD, 353 no Banco de Teses da CAPES, 11 no portal da SCIELO, 5.860 Biblioteca da USP e 5 trabalhos na Biblioteca da UNICAMP; com os descritores da segunda busca: 166 trabalhos na BDTD, 401 na CAPES, 20 no portal SCIELO, 8.470 na Biblioteca da USP, e 12 trabalhos na Biblioteca da UNICAMP; e no terceiro momento foram encontrados 58 trabalhos na BDTD, 371 no Banco da CAPES, 15 no portal da SCIELO, 20 na Biblioteca Digital da USP e 2 trabalhos na Biblioteca Digital da UNICAMP.

Compilando-se os dados das pesquisas referentes a manifestação da violência de diversas formas no contexto escolar infantil, obteve-se uma seleção de 72 trabalhos, que mais se aproximaram do objeto de estudo, dos quais 23 trabalhos foram considerados relevantes,

sendo 7 trabalhos entre teses e dissertações da BDTD, 1 trabalho da CAPES, 11 documentos da SCIELO, 2 trabalhos da USP e mais 2 da UNICAMP. E a partir disto, realizou-se uma planilha (quadro 1) para melhor organização e análise das pesquisas encontradas, referente a classificação das obras em: origem da base de dados, ano de publicação, autor, título e classificação do tipo de artigo. Posteriormente, realizou-se a descrição das concepções e entendimento de cada autor abordado.

QUADRO 1: Produção de trabalhos científicos sobre violência na Educação Infantil - período de 1998 a 2013.

BASE DE DADOS	ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO
BDTD	2005	Iza Rodrigues da Luz	Agressividade na primeira infância: um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche.	Tese
	2006	Alaídes Pereira da Silva	Diálogo e qualidade na Educação Infantil: Um estudo de relações na sala de aula.	Dissertação
	2007	Márcia Aparecida Giuze Mareuse	A Representação Infantil da violência na mídia: uma perspectiva para repensar a Educação.	Tese
	2008	Luciana Pereira de Lima	A Educação Infantil diante da Violência doméstica contra a criança: compreendendo sentidos e práticas.	Dissertação
	2009	Paula Furine Stolfi	Concepções de professores sobre agressão e violência em criança no início da escolarização.	Dissertação
	2010	Fernanda Seára Cera	A convivência nos CEIS: implicações para o desenvolvimento dos bebês e das às crianças pequenas.	Dissertação
	2013	Silvia Néli Falcão Barbosa	Vem agora eu te espero – Institucionalização e qualidade das interações na creche: um estudo comparativo	Tese
CAPES	2006	Maria Goreti Miguel Santos	A Educação Infantil Frente aos Diferentes Padrões de Sono e Vigília de Crianças de 0 a 3 Anos: Dilemas e Equívocos.	Dissertação
	1998	Júlio Groppa		Artigo

SCIELO		Aquino	A violência escolar e a crise da autoridade docente.	
	2004	María Inés Bringiotti; Marta Krynveniuk; Silvia Lasso	As múltiplas violências na escola. Desenvolvimento de um enfoque teórico e metodológico integrativo.	Artigo
	2005	Vera Lúcia de Oliveira Gomes; Adriana Dora da Fonseca	Dimensões da Violência Contra crianças e adolescentes, apreendidas do Discurso de Professoras e Cuidadoras.	Artigo
	2006	Adriana Oliveira de Sousa	Apropriação e Significação das normas na dinâmica interativa da Educação Infantil.	Artigo
	2007	Miguel González Arroyo	Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia.	Artigo
	2009	Dijnane Fernanda Vedovatto Iza; Maria Aparecida Mello	Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil.	Artigo
	2009	Cleber Fabiano da Silva; Tânia Regina Raitz; Valéria Silva Ferreira	Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente.	Artigo
	2010	Ana Cristina Richter; Alexandre Fernandez Vaz	Momentos do parque em uma rotina de educação infantil: corpo, consumo, barbárie.	Artigo
	2010	Elaine Cristina Scarlat; Eva Poliana Carlindo; Marilda Silva	Violências por professores/as Contra seus/as alunos/as.	Artigo
	2010	Anelise Monteiro do Nascimento	Quero mais, por favor! Disciplina e autonomia na Educação Infantil.	Artigo
	2013	Rosaria Fernanda Magrin Saullo; Maria Clotilde Rossetti-Ferreira; Katia de Souza Amorim	Cuidando ou tomando cuidado? Agressividade, mediação e constituição do sujeito – um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche.	Artigo

Biblioteca Digital USP	2008	Rebeca Eugenia Fernandes de Castro	Eles cuidam de crianças. Quem cuida deles? O sofrimento psíquico do professor na relação com a criança considerada agressiva.	Dissertação
	2010	Daniela Finco	Educação Infantil espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninos e meninas que transgridem as fronteiras do gênero.	Tese
Biblioteca Digital UNICAMP	1998	Sheila Daniela Medeiros dos Santos	Sinais dos tempos: marcas da violência em diferentes modos da linguagem da criança.	Dissertação
	2008	Elvira Cristina Martins Tassoni	A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização.	Tese

Fonte: A autora.

Em seu trabalho, Cera (2010, p. 2), constata que a violência emocional é a que mais desponta na relação criança-professor: “Esse tipo de violência é mais sutil porque não deixa traços, corrói a subjetividade, a autoestima, o desenvolvimento saudável e harmonioso, a personalidade e a vida, sem marcar o corpo”.

Acerca da violência simbólica Lima (2008, p. 9) apresentou os sentidos e significados da violência doméstica e na escola, apontou que as práticas mais comuns de violência na creche são os castigos, gritos e ameaças. “Assim, as reflexões realizadas, ressaltam que é de fundamental importância que a Educação Infantil reflita sobre em quais discursos estão se pautando e como suas práticas vêm contribuindo para proteção da criança”.

Barbosa (2013) alerta para outra forma de manifestação da violência: a institucionalização e a qualidade das relações nas creches. Os referenciais teórico-metodológicos basearam-se nas teorias de Corsaro, Vigotski, Bakhtin e Certeau. Para o autor as interações e a cultura de pares são privilegiadas no brincar, no que se utilizou dos conceitos de reprodução interpretativa e conceito de pares para mostrar que mesmo em situação de controle e restrição as crianças dão um significado diferente, permeando seu poder de criação e de imaginação junto ao meio que a cerca.

Bezerra (2009, p. 6) recorre à Teoria Histórico-Crítica para compreender as manifestações de violência no âmbito escolar e em seu entorno. Afirma que o enfrentamento da violência não deve ocorrer apenas no campo escolar, faz-se necessário uma “interlocução de vários saberes, práticas e políticas, pois a violência possui raízes complexas que extrapolam o âmbito escolar”.

Luz (2005, p. 11) baseando-se nos trabalhos de Winnicott, Vygotsky, Wallon e Erikson e demais estudiosos da Educação Infantil, afirma que as escolas precisam repensar seus projetos pedagógicos para “promover o desenvolvimento integral das crianças, respeitando a singularidade de cada uma delas”.

Outra abordagem no contexto de violência é a do diálogo, os professores negociam, ameaçam ou impõem regras de comportamento, convívio, organização física e social. Silva (2006) aponta, ancorando-se na perspectiva Histórico-Cultural e na Teoria da Dialogia de Bakhtin, o diálogo como base das relações entre os homens.

Mareuse (2007) expõe a representação que as crianças têm sobre violência, sobre a influência da mídia e dos desenhos animados nestas representações e na constituição da subjetividade da infância. Questionou a relação da violência na mídia, no pessoal e no social, em que constatou que as crianças sabem diferenciar a ficção da realidade e que conhecem as diferentes dimensões do fenômeno. O autor, portanto, trabalhou com a Teoria das Representações Sociais.

Stolfi (2009) trabalhou com as representações que as professoras têm sobre agressividade e refletiu sobre teorias que buscaram explicar o desenvolvimento humano e das crianças, com o objetivo de explicar os possíveis fatores que podem desencadear a agressividade nas pessoas.

Crianças que passam o dia em instituições de ensino lidam de diversas formas com a violência praticada por quem deveria protegê-las. Para Santos (2006), apoiando-se em Wallon e Vigotski, o sono é uma atividade cristalizada nas creches, pois na maioria das creches, o sono é uma prática obrigatória para as crianças, sem que sejam levadas em consideração as reais necessidades de sono e de vigília de cada um, configurando-se assim em mais uma ação violenta que pode ocorrer nos Centros de Educação Infantil. Como suportes teóricos, a autora se apoia.

As ações de violência que sofrem as crianças em instituições evidenciam o despreparo de profissionais para lidarem com crianças. No trabalho de Gomes e Fonseca (2005), embasado na teoria da Hermenêutica-Dialética, compreende-se a importância da qualificação para com o trabalho nesta etapa de ensino. As autoras buscaram a concepção de cuidadoras e professoras acerca da violência e também a conduta delas frente a situações de violência contra crianças e adolescentes. Reconheceram a violência física e psicológica que as crianças sofrem na família e entre elas mesmas e reconheceram a negligência como violência. Não

reconheceram, no entanto, em suas ações a existência do fenômeno, havendo uma naturalização dessas ações por parte delas.

Iza e Mello (2009, p. 1) também abordaram a importância da qualificação, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, em que as atividades de movimento no cotidiano da Educação Infantil, como o desenvolvimento infantil e a aprendizagem, são determinados pela cultura e pelo processo de mediação. Para as autoras foi constatado que as professoras, objetos de investigação, não sabiam como trabalhar as atividades de movimento e priorizavam as atividades de “não-movimento” em práticas para manter as crianças quietas e caladas.

Silva, Raitz e Ferreira (2009, p. 1), destacaram a importância da Sociologia da Infância para a contemporaneidade, ciência que auxilia pensar a prática docente e a infância, como uma das formas de enfrentamento da violência. “É necessário um olhar atento para a heterogeneidade das experiências sociais e das expressões culturais que introduzem novas lógicas de ação no cerne das transformações em curso nas sociedades”.

Richter e Vaz (2010, p. 1) apoiadas por tópicos da Teoria Crítica da sociedade, analisaram o “tempo-didático” recomendado pela legislação para o trabalho com crianças pequenas. “Estruturado por uma rotina constituída por diferentes momentos: entrada, higiene, alimentação, sono, parque, atividade orientada, saída”. No momento do parque, as autoras observaram momentos de controle e dominação do corpo e das pulsões infantis, em que ao invés das professoras evitarem a barbárie, as privilegiava com suas ações de violência para com as crianças.

Aquino (1998, p. 1), utilizando-se das ideias de Guimarães (1996), Caldas (1964) e Arendt (1992) para explicar como a violência está embutida nas ações de professores, discute a relação entre os conceitos de violência e autoridade no âmbito escolar e mostra que “há um *quantum* de violência "produtiva" embutido na ação pedagógica”.

No trabalho de Bringiotti, Krynveniuk e Lasso (2004, p. 1) “foram encontradas correlações entre o potencial de maltrato, a História da Educação, nível socioeconômico e educacional da mãe, problemas comportamentais e emocionais da criança”. Além da violência institucional, social e entre os pares (infantil), percebendo-se que a violência na escola é uma continuação de um fenômeno social.

Saullo, Ferreira e Amorim (2013), com embasamento no pressuposto Histórico-Cultural, apresentaram um estudo de caso de um bebê mordedor de 12 meses, realizando-se

uma análise microgenética para analisar o processo de mediação no drama das relações, constatando-se que toda vez que a criança apresenta um comportamento agressivo (morder) este era isolado das demais crianças. Tal ação do bebê era entendida como inata ou problema de personalidade. A mudança de sentido só veio depois da mediação com significações conjuntas através do diálogo.

Em seu artigo, Arroyo (2007) chama a atenção para a violência em relação às práticas pedagógicas, em que as crianças e adolescentes são rotulados como violentos por apresentarem comportamentos “indisciplinados”, ou seja, a própria escola faz uma segregação. Para o autor, a escola reproduz e acaba não cumprindo seu papel social de educar, e essa forma de violência pedagógica acarreta impacto no desenvolvimento humano.

No entendimento de Scarlatto, Carlindo e Silva (2010) os professores também são agentes de violência contra seus alunos, em geral estão despreparados para combater o fenômeno, pois “praticam atos agressivos contra seus alunos e alunas”. As agressões físicas e verbais são recorrentes nas instituições de ensino e acabam colaborando para surgimento da violência simbólica, que é um tipo mais difícil de violência a ser percebida.

Sousa (2006) investigou o processo de apropriação das normas escolares pelas crianças de 4 a 6 anos, enfocando as diferentes maneiras de apropriação e significação das normas vigentes numa perspectiva Histórico-Cultural.

Finco (2010, p. 7), apoiando-se nas ideias de Bufalo (1997), Gobbi (1997), Dias (2005), dentre outros, demonstrou a interação entre professoras e crianças que transgridem as normas impostas e como as educadoras trabalham com os conflitos gerados pela diferença de gênero na infância. Os resultados apresentaram “uma disciplina heteronormativa de controle, regulação e normatização dos corpos e dos desejos de meninas e meninos”.

O estudo apresentado por Castro (2008) fundamentou-se nas ideias da psicanálise de Freud (1980), Klein (1970), Winnicott (1987) para explicar a agressividade infantil, discorreu sobre o sofrimento psíquico de professores que trabalham com crianças que exibem comportamentos agressivos, os quais estão expostos, segundo a autora, com os impulsos destrutivos das crianças que não conseguiram estabelecer um controle emocional em casa e acabam explodindo na escola, sendo o professor alvo desse comportamento.

As crianças dão sinais da violência que ocorre no interior das escolas e utiliza várias linguagens para mostrá-la. Santos (1998, p. 5) estudou a significação das diferentes formas de linguagens das crianças para mostrar resistência à violência, como “gestos, expressões, desenhos, o silêncio e a própria linguagem oral/escrita que as crianças fazem uso para dramatizar a violência física/simbólica vivida no meio social/no meio familiar”. Utilizando

pressupostos de Vigotski e Bakhtin, mostrou como a violência gera medo e terror e as crianças utilizam diversas linguagens para um pedido de socorro.

. Tassoni (2008, p. 5) assevera sobre o “entrelaçamento entre processos afetivos e cognitivos, determinantes no desenvolvimento da criança, bem como o papel das interações sociais para a construção do conhecimento e da própria pessoa”.

Nos trabalhos citados acima, a forma de coleta de dados denotou-se abrangente, vários foram os instrumentos utilizados pelos pesquisadores: entrevistas com o público escolar e não-escolar, observação na escola e em seu entorno, grupos focais e análises de documentos, predominando a observação e as entrevistas. “Tem-se utilizado também vários tipos de instrumentos, aplicados aos alunos e a outros tipos de sujeitos, como questionários, listas para assinalar, vários tipos de testes e escalas” (STOLFI, 2009, p. 20).

Dentre as referências metodológicas (quadro 2), foi observado o embasamento nas teorias do Materialismo-Histórico ou Histórico-Cultural, Teoria Histórico-Crítica, Hermenêutica-Dialética, Urie Bronfenbremer, além de trabalhos baseados na Psicanálise de Freud e Winnicott. As ideias de Wallon, Erikson e Piaget também foram citadas em vários trabalhos. Predominou as ideias de Vigotski e da Teoria Histórico-Cultural para explicar a importância da mediação, do significado e sentido, da subjetividade, apropriação, internalização, desenvolvimento, aprendizagem e psiquismo, como questões presentes no contexto escolar e social.

A abordagem Histórico-Cultural “anuncia uma nova compreensão de criança, de Educação Infantil, de infância e de professor como alicerce teórico para organização de uma nova escola da infância” (LIMA; SILVA; RIBEIRO, 2010, p. 16) e por isso, serve de referência para várias pesquisas, incluindo-se esta.

QUADRO 2: Porcentagem das referências teóricas adotadas nos trabalhos investigados.

	TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	OUTRAS TEORIAS	TEORIAS NÃO EXPLICITADAS NO RESUMO	TOTAL
NÚMERO DE TRABALHOS	10	7	5	22
PORCENTAGEM	45%	33%	22%	100%

Fonte: A autora.

Os resultados encontrados nas produções apresentaram a violência em suas diferentes possibilidades de manifestação, dentre as quais se descreve a seguir:

- ✓ A violência emocional, apontada como a mais presente na relação entre professor e aluno;
- ✓ A agressividade infantil como manifestação da violência na Educação Infantil;
- ✓ A violência manifestada na falta de diálogo entre professor e aluno, em que os professores negociam, ameaçam ou impõem regras de comportamento;
- ✓ A violência nos Centros de Educação Infantil como práticas pedagógicas fossilizadas que desrespeitam as necessidades de descanso de cada criança no momento do sono;
- ✓ A violência como atividade de ‘não movimento’ das crianças, ou seja, a prática de manter os educandos sempre quietos e calados;
- ✓ A violência embutida na prática pedagógica e confundida com a autoridade;
- ✓ A violência institucional, praticada pela escola de diversas maneiras;

Conforme Charlot (1997 apud ABRAMOVAY; RUA, 2003) algumas categorias podem ser entendidas como violência:

- A. **Violência:** golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- B. **Incivilidades:** humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- C. **Violência simbólica** ou **institucional:** compreendida como a falta e sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Todas essas categorias apresentam a violência como ações diversas.. A violência simbólica ou institucional apresenta um agravante de não deixar marcas aparentes. Muito importante nessa definição é que os conteúdos estéreis e sem significados para os alunos também pode ser considerado uma ação violenta (ABROMOVAY; RUA, 2003, p. 22).

No resultado das conclusões dos trabalhos, a violência foi caracterizada como um fenômeno complexo e que muitas vezes se manifesta de forma inaparente.

Nas práticas educacionais atuais vê-se a necessidade de recuperar as escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, sobrepujar o caráter formativo das instituições de ensino, rompendo com velhos paradigmas que fazem da escola uma reprodutora de ações violentas, as quais muitas vezes são banalizadas e acabam sendo internalizadas e fossilizadas

pelas escolas. Os trabalhos que se fundamentam na Teoria Histórico-Cultural revelam a criança como possuidora de:

Ilimitada capacidade de aprendizagem é capaz de ações humanizadoras, de relacionamentos, de convivência com outras crianças e adultos em seu entorno, constituindo sua natureza social humana, mediante apropriações e objetivações motivadoras de seu desenvolvimento cultural (LIMA; SILVA; RIBEIRO, 2010, p. 17).

Dessa forma, o papel dos professores na Educação Infantil também deve passar por mudanças, os profissionais responsáveis pela criação de elos mediadores entre a criança e o conhecimento a ser aprendido, deve escolher os melhores caminhos e conteúdos da cultura para a atividade (LIMA; SILVA; RIBEIRO, 2010).

Assim, ressalta-se a relevância de novos olhares para reflexão acerca do fenômeno da violência nos Centros de Educação Infantil e de como interferem no processo ensino-aprendizagem. Os trabalhos que fazem abordagem a essa temática, podem auxiliar sobremaneira a criar novas perspectivas educacionais, sensibilizando os atores envolvidos na educação de crianças pequenas, visando a implementação de novas estratégias de ensino, pautadas nos direitos inalienáveis das crianças, a repensar e adotar práticas pedagógicas significativas, a refletir sobre o conceito de infância e sobre o tipo de experiências oferecidas a elas, permitindo cumprir com o direito constitucional de qualidade na educação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Brasília: UNESCO, 2003.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cad. CEDES**, Campinas, vol. 19, n. 47, dez., 1998.

ARROYO, Miguel González. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100, out. 2007. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000300008>>. Acesso em: 24/05/2014.

BARBOSA, Silvia Néli Falcão. **Vem, agora eu te espero**: institucionalização e qualidade das interações na creche - um estudo comparativo. Tese de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

BEZERRA, Maria Jacobina da Cruz. **A violência na escola e estratégias de prevenção e redução**: a necessária interlocução dos saberes. Tese do Programa de Doutorado da Faculdade de Serviço Social, Pontifícia. Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, 2009.

BRINGIOTTI, Maria Inés; KRYNVENIUK, Marta; LASSO, Silvia. As múltiplas violências da 'violência' na escola - desenvolvimento de um enfoque teórico e metodológico integrativo. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 14, n. 29, set./dez., 2004.

CASTRO, Rebeca Eugenia Fernandes de. **Eles cuidam de crianças. Quem cuida deles?** O sofrimento psíquico do professor na relação com a criança considerada agressiva. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

CERA, Fernanda Seára. **A convivência nos CEIS**: implicações para o desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas. Dissertação do Programa de Pós-Graduação e Educação, Extensão e Cultura, Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas estado da arte**. Revista Educação e Sociedade. Ano XXIII. Número 79. Agosto/2002.

FINCO, Daniela. **Educação Infantil espaços de confronto e convívio com as diferenças**: análise das interações entre professoras e meninos e meninas que transgridem as fronteiras do gênero. Tese do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área Sociologia da Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; FONSECA, Adriana Dora da. Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professoras e cuidadoras. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, vol. 14, n. esp., p. 32-37, 2005.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; MELLO, Maria Aparecida. Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, vol. 25, n. 2, ago., 2009.

LIMA, Elieuzza Aparecida de; SILVA, Ana Laura Ribeiro da; RIBEIRO, Aline Escobar Magalhães. Reflexões sobre a educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural. **Rev. Interfaces**, Suzano, Ano 2, n. 2, out., 2010.

LIMA, Luciana Pereira de. **A educação infantil diante da violência doméstica contra a criança**: compreendendo sentidos e práticas. Dissertação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2008.

LUZ, Iza Rodrigues da. **Agressividade na primeira infância**: um estudo a partir das relações estabelecidas das crianças no ambiente familiar e na creche. Tese do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

MAREUSE, Márcia Aparecida Giuze. **A representação infantil da violência na mídia**: uma perspectiva para repensar a educação. Tese do Curso de Pós-Graduação, linha de pesquisa Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, 2007.

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Momentos do parque em uma rotina de educação infantil: corpo, consumo, barbárie. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 36, n. 3, set./dez., 2010.

SANTOS, Maria Goreti Miguel. **A educação infantil frente aos diferentes padrões de sono e vigília de crianças de 0 a 3 anos**. Dissertação do Programa de mestrado em Educação, Psicologia da Educação, PUC, São Paulo, 2006.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. **Sinais dos tempos**: marcas da violência em diferentes modos da linguagem da criança. Dissertação da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SAULLO, Rosaria Fernanda Magrin; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti; AMORIM, Katia de Souza. Cuidando ou tomando cuidado? Agressividade, mediação e constituição do sujeito

– um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche. **Pro-Posições**, Campinas, vol. 24, n. 3, set./dez., 2013.

SCARLATTO, Elaine Cristina; CARLINDO, Eva Poliana; SILVA, Marilda. Violências por professores/as contra seus/as alunos/as. **Rev. Laborat. de Estudos da Violência da UNESP**, Marília, edição 6, dez., 2010.

SILVA, Alaídes Pereira da. **Diálogo e qualidade na educação infantil**: Um estudo de relações na sala de aula. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Mestrado, Universidade de Brasília, 2006.

SILVA, Cleber Fabiano da; RAITZ, Tânia Regina; SILVA, Valéria Ferreira. Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, vol. 21, n. 1, jan./abr., 2009.

SOUSA, Adriana Oliveira. Apropriação e significação das normas na dinâmica interativa da educação infantil. **Rev. Póesis**, vol. 3, n. 3 e 4, p. 126-143, 2006.

STOLFI, Paula Furine. **Concepções de professores sobre agressão e violência em criança no início da escolarização**. Dissertação de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciências e Letras UNESP/Araraquara, 2009.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A dinâmica interativa na sala de aula**: as manifestações afetivas no processo de escolarização. Tese de Pós-Graduação em Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2008.

VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. **Violência e educação**: a sociedade criando alternativas. Rio de Janeiro: Wak, 2011.